

## CAPÍTULO XLVI<sup>1</sup>

### A herança

Veja-nos agora o leitor, oito dias depois da morte de meu pai, – minha irmã sentada num sofá, – pouco adiante, Cotrim,<sup>2</sup> de pé, encostado a um consolo, com os braços cruzados e a morder o bigode, – eu a passear de um lado para outro, com os olhos no chão. Luto pesado. Profundo silêncio.

– Mas afinal, disse Cotrim;<sup>3</sup> esta casa pouco mais pode valer de trinta contos; demos que valha trinta e cinco...

– Vale cinquenta, ponderei; Sabina<sup>4</sup> sabe que custou cinquenta e oito...

– Podia custar até sessenta, tornou Cotrim;<sup>5</sup> mas não se segue que os valesse, e menos ainda que os valha hoje. Você sabe que as casas, aqui há anos, baixaram muito. Olhe, se esta vale os cinquenta contos, quantos não vale a que você deseja para si, a do Campo?

– Não fale nisso! Uma casa velha.

– Velha! exclamou Sabina, levantando as mãos ao teto.

– Parece-lhe nova, aposto?

– Ora, mano, deixe-se dessas cousas, disse Sabina, erguendo-se do sofá; podemos arranjar tudo em boa amizade, e com lisura. Por exemplo, Cotrim<sup>6</sup> não aceita os pretos, quer só o boleeiro de papai e o Paulo...

– O boleeiro não, acudi eu; fico com a sege e não hei de ir comprar outro.

– Bem; fico com o Paulo e o Prudêncio.

– O Prudêncio está livre.

– Livre?

– Há dois anos.

– Livre? Como seu pai arranjava estas cousas cá por casa, sem dar parte a ninguém! Está direito. Quanto à prata... creio que não libertou a prata?

Tínhamos falado na prata, a velha prataria do tempo de D. José I, a porção mais grave da herança, já pelo labor, já pela vetustez, já pela origem da propriedade; dizia meu pai que o conde da Cunha, quando vice-rei do Brasil, a dera de presente a meu bisavô Luís Cubas.

---

<sup>1</sup> CAPÍTULO XLVI] CAPÍTULO XLVII – em MPBC1-1880.

<sup>2</sup> Cotrim,] o Cotrim, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>3</sup> disse Cotrim;] disse o Cotrim; – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>4</sup> Sabina] a Sabina – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>5</sup> tornou Cotrim;] tornou o Cotrim; – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>6</sup> Cotrim] o Cotrim – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

– Quanto à prata, continuou Cotrim,<sup>7</sup> eu não faria questão nenhuma, se não fosse o desejo que sua irmã tem de ficar com ela; e acho-lhe razão. Sabina é casada, e precisa de uma copa digna, apresentável. Você é solteiro, não recebe, não...

– Mas posso casar.

– Para quê?<sup>8</sup> interrompeu Sabina.

Era tão sublime esta pergunta, que por alguns instantes me fez esquecer os interesses. Sorri; peguei na mão de Sabina, bati-lhe levemente na palma, tudo isso com tão boa sombra, que o Cotrim interpretou o gesto como de aquiescência, e agradeceu-mo.

– Que é lá? redargui; não cedi cousa nenhuma, nem cedo.

– Nem cede?

Abanei a cabeça.

– Deixa, Cotrim, disse minha irmã ao marido; vê se ele quer ficar também com a nossa roupa do corpo; é só o que falta.

– Não falta mais nada. Quer a sege, quer o boleeiro, quer a prata, quer tudo. Olhe, é muito mais sumário citar-nos a juízo e provar com testemunhas que Sabina não é sua irmã, que eu não sou seu cunhado, e que Deus não é Deus. Faça isto, e não perde nada, nem uma colherinha. Ora, meu amigo, outro ofício!

Estava tão agastado, e eu não menos, que entendi oferecer um meio de conciliação;<sup>9</sup> dividir a prata. Riu-se e perguntou-me a quem caberia o bule e a quem o açucareiro; e depois desta pergunta, declarou que teríamos tempo de liquidar a pretensão, quando menos em juízo. Entretanto, Sabina fora até à janela que dava para a chácara, – e depois de um instante, voltou, e propôs ceder o Paulo e outro preto, com a condição de ficar com a prata; eu ia dizer que não me convinha, mas Cotrim<sup>10</sup> adiantou-se e disse a mesma cousa.

– Isso nunca! não faço esmolas! disse ele.

Jantamos tristes. Meu tio cônego apareceu à sobremesa, e ainda presenciou uma pequena alteração.

– Meus filhos, disse ele, lembrem-se que meu irmão deixou um pão bem grande para ser repartido por todos.

Mas Cotrim:<sup>11</sup>

– Creio, creio. A questão, porém, não é de pão, é de manteiga. Pão seco é que eu não engulo.

---

<sup>7</sup> continuou Cotrim,] continuou o Cotrim, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>8</sup> Para quê?] Para que? – em MPBC1-1880, em MPBC2-1881, em MPBC3-1896, em MPBC4-1899 e em MPBCEC-1960.

<sup>9</sup> conciliação;] conciliação: – em MPBCEC-1960.

<sup>10</sup> Cotrim] o Cotrim – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>11</sup> Mas Cotrim:] Mas o Cotrim: – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

Fizeram-se finalmente as partilhas, mas nós estávamos brigados. E digo-lhes que, ainda assim, custou-me muito a brigar com Sabina. Éramos tão amigos! Jogos pueris, fúrias de criança, risos e tristezas da idade adulta, dividimos muita vez esse pão da alegria e da miséria, irmãmente, como bons irmãos que éramos. Mas estávamos brigados. Tal qual a beleza de Marcela, que se esvaiu com as bexigas.